

DESIGUALDADE SOCIAL

Isadora Meireles OLIVEIRA

RESUMO: O Brasil, nas últimas décadas, vem confirmando, infelizmente, uma tendência de enorme desigualdade na distribuição de renda e elevados níveis de pobreza. Um país desigual, exposto ao desafio histórico de enfrentar uma herança de injustiça social que excluiu parte significativa de sua população do acesso e condições mínimas de dignidade e cidadania. Ressalta a importância das metas que possivelmente irão erradicar a desigualdade e levar aqueles que pertencem a essa realidade a um nível de igualdade social. Como uma contribuição ao entendimento dessa realidade, este artigo procura descrever a situação atual, evolução da magnitude, natureza da pobreza, desigualdade no Brasil, preconceito e da violência, estabelecendo inter-relações causais entre essas dimensões.

Palavras-chave: Desigualdade social. Violência. Pobreza. Preconceito. Classes sociais.

1 INTRODUÇÃO

Diante da desigualdade social podemos pensar que este problema surgiu há pouco tempo, devido a problemas recentes, mas não é muito bem assim, a desigualdade social não é algo novo, acontece desde os tempos de colonização do país, porém com o passar do tempo vem sofrendo alterações e ganhando novos aspectos.

É um conjunto de problemas socioeconômicos que atingem grande porcentagem da população, não somente brasileira, mas sim mundial, principalmente em países considerados não desenvolvidos. Podendo ser chamada de exclusão em alguns casos, a desigualdade não tem apenas como fator principal os problemas financeiros, mas leva em conta a identidade de uma pessoa, sua etnia, cultura, sua origem.

A desigualdade social, econômica e política na sociedade brasileira chegaram a tal grau que se torna incompatível com a democratização da sociedade. Por decorrência, tem se falado na existência da apartação social. No Brasil a discriminação é econômica, cultural e política, além de étnica. Ela é produzida a

partir do momento que uma sociedade cria o seu rol de exclusão, principalmente, através da competência econômica, que tem origem nos primórdios da colonização, possui especificidades contemporâneas, produto de um processo de modernização e industrialização excludente e de base pobre. As desigualdades são essencialmente sociais, não se referem apenas à estratificação econômica, mas também estão ligadas à existência de desigualdades de carácter mais qualitativo: políticas, de prestígio, etc. Por exemplo, em muitas sociedades, brancos e negros gozam de estatutos diferentes que, por esse fato, lhes conferem vantagens ou desvantagens.

Este processo deve ser entendido como exclusão, isto é, uma impossibilidade de poder partilhar o que leva a vivência da privação, da recusa do abandono e da expulsão inclusive, a violência, de um conjunto significativo da população, por isso, uma exclusão social e não pessoal. Não se trata de um processo individual, embora atinja pessoas, mais de uma lógica que está presente nas várias formas de relações econômicas, sociais, culturais e políticas da sociedade brasileira. Esta situação de privação coletiva é que se está entendendo por exclusão social. Ela inclui pobreza, discriminação, subalternidade, não equidade, não acessibilidade, não representação pública.

2 DESENVOLVIMENTO

Com todas as alterações e evoluções de abordagem dessa questão, aparecem novos mecanismos que contribuem para a desigualdade social atual, atribuem-se como fatores questionáveis e origináveis da desigualdade as relações político econômicas, culturais e étnicas, a partir disso se faz basicamente pelo não acesso aos benefícios de qualidade de uma sociedade, vistos que estão inclusos aqueles com essencial importância ao ser humano, como a habitação, saúde, lazer, educação, e todos os outros serviços de extrema importância para a construção de um país desigual.

O Conceito de desigualdade social é um guarda-chuva que compreende diversos tipos de desigualdades, desde desigualdade de oportunidades, resultados, desigualdade de escolaridade, de renda, de gênero, etc.

É importante destacar, o conceito de 'social' talhado por Castel:

O hiato entre a organização política e o sistema econômico permite assinalar, pela primeira vez com clareza, o lugar do 'social': desdobrar-se nesse entre-dois, restaurar ou restabelecer laços que não obedecem nem a uma lógica estritamente econômica nem a uma jurisdição estritamente política. O social consiste em sistemas de regulações não mercantis, instituídas para preencher esse espaço (2005, P. 31).

De modo geral, a desigualdade econômica, a mais conhecida, é chamada imprecisamente de desigualdade social, dada pela distribuição desigual de renda. No Brasil, a desigualdade social tem sido um cartão de visita para o mundo, pois é um dos países mais desiguais. Segundo dados da ONU, em 2005 o Brasil era a 8º nação mais desigual do mundo. Portanto, a desigualdade é uma diferença que os indivíduos e grupos sociais julgam segundo escalas de valor. Castel no enfrentamento da questão social, afirma que *O domínio da questão social não é da esfera exclusiva da empresa e da economia, uma vez que sua dinâmica atual produz efeitos desastrosos do ponto de vista da coesão social (2005, p. 523).*

Ao afirmar que são três os pilares coloniais que apoiam a desigualdade a influencia ibérica, os padrões de títulos de posse de latifúndios e a escravidão.

É evidente que essas variáveis contribuíram intensamente para que a desigualdade brasileira permanecesse por séculos em patamares inaceitáveis. Todavia, a desigualdade social no Brasil tem sido percebida nas últimas décadas, não como herança pré-moderna, mas sim como decorrência do efetivo processo de modernização que tomou o país a partir do século XIX.

Junto com o próprio desenvolvimento econômico, cresceram também a miséria, as disparidades sociais; educação, renda, saúde, etc. A flagrante concentração de renda, o desemprego, a fome que atinge milhões de brasileiros, a desnutrição, a mortalidade infantil, a baixa escolaridade, a violência. Essas são expressões do grau a que chegaram as desigualdades sociais no Brasil. A desigualdade presente no Brasil é uma das maiores do mundo, todo dia vemos ou ouvimos falar em: violência, moradores de rua, preconceito, prostituição infantil, entre outros. O capitalismo é um dos principais causadores da desigualdade no mundo, apesar de que ele vem impregnando a história desde o feudalismo, com isso notamos que a desigualdade é um fato muito antigo, e sempre sem solução, mas podendo ser amenizado.

A divisão da sociedade em classes é consequência dos diferentes papéis que os grupos sociais têm no processo de produção, seguindo a teoria de Karl Marx. É do papel ocupado por cada classe que depende o nível de fortuna e de rendimento, o gênero de vida e numerosas características culturais das diferentes classes. Classe social define-se como conjunto de agentes sociais nas mesmas condições no processo de produção e que têm afinidades políticas e ideológicas.

Uma classe social é um grupo de pessoas que têm status social similar segundo critérios diversos, especialmente o econômico. Diferencia-se da casta social na medida em que ao membro de uma dada casta normalmente é impossível mudar de status.

Segundo a mesma visão de mundo, a história da humanidade é a sucessão das lutas de classes, de forma que sempre que uma classe dominada passa a assumir o papel de classe dominante, surge em seu lugar uma nova classe dominada, e aquela impõe a sua estrutura social mais adequada para a perpetuação da exploração.

As classes sociais mostram as desigualdades da sociedade capitalista. Cada tipo de organização social estabelece as desigualdades, de privilégios e de desvantagens entre os indivíduos. As desigualdades são vistas como coisas absolutamente normais como algo sem relação com produção no convívio na sociedade, mas analisando atentamente descobrimos que essas desigualdades para determinados indivíduos são adquiridos socialmente. As divisões em classes se da na forma que o indivíduo esta situado economicamente e sócio politicamente em sua sociedade.

Como já vimos no capitalismo, quem tinham condições para a dominação e a apropriação, eram os ricos, quem trabalhavam para estes eram os pobres, pois bem esses elementos eram os principais denominadores de desigualdade social. Essas desigualdades não eram somente econômicas, mas também intelectuais, ou seja, o operário não tinha direito de desenvolver sua capacidade de criação, o seu intelecto. A dominação da classe superior, os burgueses, capitalistas, os ricos, sobre a camada social que era a massa, os operários, os pobres não eram só econômicos, mas também ela se sobrepõe a classe pobre, ou seja, ela não domina só economicamente como politicamente e socialmente.

Assim, a sociedade brasileira deve perceber que sem um efetivo estado democrático, não há como combater ou mesmo reduzir significativamente a desigualdade social no Brasil.

2.1 Preconceito

O preconceito é o ato de ter uma opinião contrária sobre determinado assunto sem antes conhecê-lo.

A grande razão para ocorrer o preconceito, é que existem pessoas que se julgam superiores aos outros, não usam o bom senso e resumem que a sua opinião sempre será a mais importante.

No artigo 186 do CC/02, fala que aquele que, por ação ou omissão voluntária, negligência ou imprudência, violar direito e causar dano a outrem, ainda que exclusivamente moral, comete ato ilícito.

Há inúmeros tipos de preconceito, são eles:

Preconceito à outra cor - É denominado de racismo e existe principalmente em relação a negros. No Brasil, surgiu com a escravidão e é muito presente até hoje, apesar de a escravidão ter sido abolida em 1888. Há também o racismo contra brancos, amarelos, vermelhos, pardos etc...

Preconceito à outra religião - Hoje em dia, o maior exemplo deste preconceito são os conflitos no Oriente Médio. A luta entre judeus e islâmicos custa dezenas de vidas diariamente. Grupos extremistas no Iraque matam inocentes cruelmente somente porque são de outra religião.

Preconceito contra as mulheres - É denominado de machismo e existe por causa do antigo papel das mulheres como dona de casa. O machismo gera muita mágoa porque vários homens não reconhecem a capacidade das mulheres de fazerem algo diferente a costurar e cozinhar.

Preconceito quanto à classe social - Ricos discriminam pessoas de baixa classe social, com famosas frases do tipo, "Isso é coisa de pobre.", ou vice-versa.

Preconceito contra pessoas de outra orientação sexual - Homossexuais e bissexuais são muito agredidos moralmente e até fisicamente só

por não serem "iguais". É uma triste realidade, tanto que vários escondem sua preferência sexual.

Preconceito contra pessoas de outra nacionalidade - A maioria dos brasileiros critica os norte-americanos, apesar de estar sempre os imitando. Brasileiros sofrem de preconceito em outros países, assim como muitos estrangeiros são discriminados no Brasil. Precisamos aprender que nem todo português é burro e nem todo brasileiro é malandro.

2.1.1 Violência

Violência é um comportamento que causa intencionalmente dano ou intimidação moral a outra pessoa, ser vivo ou dano a quaisquer objetos. Tal comportamento pode invadir a autonomia, integridade física ou psicológica e mesmo a vida de outro. É o uso excessivo de força, além do necessário ou esperado.

Existe violência explícita quando há ruptura de normas ou moral sociais estabelecidas a esse respeito: não é um conceito absoluto, variando entre sociedades. Por exemplo, rituais de iniciação podem ser encaradas como violentos pela sociedade ocidental, mas não pelas sociedades que o praticam.

A ciência hoje conclui que a violência é determinada pela complexa combinação entre fatores externos e características inatas do ser humano:

Gênero:

Os homens são mais violentos na maioria das culturas; homens matam homens de vinte a quarenta vezes mais que mulheres matam mulheres.

Predisposição inata à violência:

Em todas as culturas, brincadeiras violentas surgem espontaneamente, especialmente entre meninos, esse fato ocorre desde os primeiros anos de idade.

Essa predisposição inata é facilmente explicável pela necessidade da seleção dessa característica durante a evolução das nossas espécies. Somos todos descendentes de indivíduos que souberam caçar efetivamente, que venceram a competição sexual, sobreviveram às guerras tribais e a todos os aspectos de violência.

Violência Estrutural e Sistêmica, ela se expressa pelo quadro de miséria, má distribuição de renda, exploração dos trabalhadores, crianças nas ruas, falta de condições mínimas para vida digna, falta de assistência em educação e saúde. Trata-se, portanto, de uma população de risco, sofrendo no dia-a-dia os efeitos da violação dos direitos humanos, confirmando as palavras de Mahatma Gandhi: a pobreza é a pior forma de violência.

Apesar desse tipo de violência acontecer os presos ainda saem impunes do crime.

Violência Doméstica é o abuso do poder exercido pelos pais ou responsáveis pela criança ou adolescente. Existem vários tipos de violência doméstica: violência física (bater, beliscar, empurrar, chutar), a violência psicológica (falar mal, humilhar, agredir com palavras), o abuso sexual, a negligência e o abandono.

Violência Policial esse tipo de violência é sistêmica porque se reflete no nosso passado onde muitas coisas eram e continuam erradas. Vimos casos todos os dias de policiais que cometem esse tipo de crime, achando-se que por ser autoridade tem o direito de fazer o que quiser com aqueles que muitas vezes são inocentes.

Em termos estatísticos, no Brasil, cerca de 70% dos casos de violência contra crianças e jovens tem os pais como agressores. Essas agressões, em geral descontroladas, são consideradas como medidas de educar e disciplinar, próprias do poder dos pais. No encontro, com frequência, tais “medidas educativas” ultrapassam o razoável e tornam-se atos violentos de abuso do poder parental.

3 CONCLUSÃO

Este artigo, por um lado, procurou desenvolver uma descrição empírica exaustiva da estrutura da pobreza, preconceito, violência e da desigualdade no Brasil e, construção de estratégias que consiste de combate à desigualdade. Além disso, procuramos construir, exaustivamente, diversos prismas de entendimento da desigualdade econômica brasileira, colocando-a no eixo da causalidade que explica o elevado grau de pobreza, violência e preconceito.

Evidente dizer que a desigualdade que surpreende tanto por sua intensidade como, sobretudo, por sua estabilidade. Desigualdade extrema que se mantém inerte, resistindo às mudanças estruturais e conjunturais das últimas décadas. Desigualdade que atravessou impassível o regime militar, governos democraticamente eleitos e incontáveis laboratórios de política econômica, além de diversas crises políticas, econômicas e internacionais.

É imperativo reduzir a desigualdade tanto por razões morais, como por motivações relativas às implementações de políticas eficazes para erradicar a pobreza. A tradição brasileira, contudo, tem reforçado a via única do crescimento econômico, sem gerar, como vimos resultados satisfatórios no que diz respeito à redução da pobreza, violência e preconceito.

É óbvio que reconhecemos a importância crucial de estimular políticas de crescimento para alimentar a dinâmica econômica e social do país. Assim, para erradicar a pobreza, violência e preconceito no Brasil são necessários definir uma estratégia que confira prioridade à redução da desigualdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

CASTEL, Robert. **Desigualdade e a Questão Social**. 2ª ed. São Paulo. 2005.

Que País é Esse? 4º vol. – (Série Mídia e Mobilização Social). Cortez. São Paulo. 2003.

ODÁLIA, N. **Que é Violência**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Sociologia. **Desigualdade Social**. Disponível em:
<http://www.coladaweb.com/sociologia/desigualdades-sociais-e-as-classes>